

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
Prólogo: O que é uma boa pregação?	11
Introdução: Os três níveis do ministério da Palavra	27

PRIMEIRA PARTE: SERVINDO À PALAVRA

1. Pregando a Palavra	37
2. Pregando o evangelho sempre	63
3. Pregando Cristo em toda a Escritura	87

SEGUNDA PARTE: ALCANÇANDO AS PESSOAS

4. Pregando Cristo à cultura	115
5. A pregação e a mente moderna (tardia)	153
6. Pregando Cristo ao coração	195

TERCEIRA PARTE: EM DEMONSTRAÇÃO DO ESPÍRITO E DE PODER

7. A pregação e o Espírito	231
----------------------------------	-----

Apêndice: Redigindo uma mensagem expositiva	249
--	-----

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente aos membros da igreja West Hopewell Presbyterian Church, em Hopewell, Virgínia, a quem servi de 1975 a 1984, no início do meu ministério. Cheguei àquela cidade quando tinha 24 anos, recém-saído do seminário, onde eu recebera um merecido C em pregação. Na West Hopewell, era esperado que eu fizesse três exposições bíblicas semanais — no domingo pela manhã, no domingo à noite e nas quartas-feiras à noite. Além disso, eu pregava, em média, duas outras mensagens por mês em casamentos e funerais, em clínicas de repouso, em capelas de escolas locais e em retiros. Foi um desafio e tanto. Durante nove anos, escrevi e preguei cerca de 1.500 mensagens expositivas. Estava então com 33 anos.

No decorrer dessa programação desafiadora, porém, as pessoas da igreja foram amorosas comigo e me deram apoio, acolhendo, agradecidas, esses meus primeiros esforços. O ministério em igrejas pequenas, em cidades pequenas, tem um acentuado teor relacional. Tive ampla oportunidade de conversar com quase todo o mundo sobre como estavam recebendo meus sermões. Vi em que aspectos eu estava deixando as pessoas confusas, ou deixando de atender às suas necessidades reais, ou falhando em lidar com suas objeções ou dúvidas. No escritório de aconselhamento pastoral, pude ver onde as coisas sobre as quais eu pregava estavam dando fruto, resultando em vidas transformadas, e onde não estavam. Essa combinação de prática com *feedback* e apoio amoroso fez de mim um pregador muito melhor do que eu jamais poderia ser se tivesse ido para outro lugar onde não exigissem tanto de mim e não me amassem tanto.

Também agradeço tanto aos alunos quanto aos professores do Seminário Westminster, na Filadélfia, onde dei aulas sobre pregação de 1984 a 1989.

Como pregador atuante, há muito tempo queria escrever um livro sobre o assunto, mas percebi que não seria fácil. A exemplo de muitos outros praticantes, dou muita atenção aos detalhes. Graças aos esforços do meu colega da Redeemer City to City Scott Kauffmann, e do meu editor há tantos anos da Penguin Random House Brian Tart, fui capaz de discernir os contornos mais amplos e mais importantes das implicações atuais do ato de pregar.

Como de costume, quero agradecer às pessoas que me possibilitaram escrever durante várias semanas ao longo do ano em ambientes agradáveis e isolados — Lynn Land, Mary Courtney Brooks, Janice Worth, John e Carolyn Twiname. Por fim, agradeço à minha esposa, Kathy, minha melhor crítica e mais ardente defensora tanto do meu trabalho quanto da minha vida como pregador da Palavra.

PRÓLOGO

O QUE É UMA BOA PREGAÇÃO?

Uma das mulheres que nos ouviam, chamada Lídia, vendedora de tecidos de púrpura, da cidade de Tiatira, era temente a Deus. O Senhor lhe abriu o coração para acolher as coisas que Paulo dizia (At 16.14).

O SEGREDO DE UMA PREGAÇÃO EXCELENTE

Não muito tempo depois que comecei meu ministério de pregação, observei uma intrigante falta de regularidade na reação dos meus ouvintes. Às vezes, o retorno vinha sob a forma de agradecimentos no decorrer da semana depois de determinado sermão. “Aquele sermão mudou minha vida.” “Parecia que você estava falando diretamente comigo. Fiquei pensando: Como ele sabe disso?” “Nunca vou me esquecer — era como se a mensagem tivesse vindo diretamente de Deus!” Quando eu ouvia comentários desse tipo, achava que tinha pregado um *excelente* sermão — o sonho de todo jovem ministro.

Não demorou muito para me dar conta de que outros estavam fazendo comentários do tipo “nada demais” sobre a mesma mensagem. Kathy, minha esposa, muitas vezes dizia: “Foi bom, mas não foi um dos seus melhores”, enquanto outra pessoa me dizia em lágrimas no dia seguinte que jamais seria a mesma depois de ouvir aquele sermão. Como eu deveria interpretar isso? No início, comecei a imaginar se a beleza do sermão não estaria na percepção do ouvinte apenas, mas certamente essa era uma explicação subjetiva demais. Eu confiava no discernimento de Kathy, e no meu próprio, de que alguns dos meus sermões eram simplesmente mais bem elaborados e transmitidos do que outros. Contudo, alguns dos que eu considerava medíocres mudavam vidas, enquanto outros que eu achava muito bons pareciam ter pouco impacto.

Um dia, eu estava lendo Atos 16, que narra a plantação da igreja de Filipos por Paulo. Nessa ocasião, o apóstolo apresentou o evangelho a um grupo de mulheres e uma delas, Lídia, começou a crer em Cristo porque “o Senhor lhe abriu o coração para acolher as coisas que Paulo dizia” (At 16.14). Embora todas tivessem ouvido a mesma mensagem, só Lídia parece ter sido permanentemente transformada por ela. Não devemos forçar a interpretação aqui para dar a entender que Deus só opera por uma mensagem no momento em que ela é comunicada e que ele não ajudou Paulo enquanto preparava o sermão com antecedência. Contudo, estava claro para mim, com base no texto, que o impacto diferenciado do sermão sobre as pessoas se devia à obra do Espírito de Deus. Talvez Paulo tivesse Lídia em mente ao mostrar que pregar é o evangelho chegar até o ouvinte “não somente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com absoluta convicção” (1Ts 1.5).

Concluí que a diferença entre um sermão ruim e um bom sermão depende em grande medida do pregador — dos seus dons e habilidades e da preparação da mensagem. Entender o texto

bíblico, extrair dele um esboço e um tema claros, elaborar um argumento convincente, enriquecê-lo com ilustrações tocantes, metáforas e exemplos práticos, analisando de forma incisiva as motivações do coração e seus pressupostos culturais e fazendo aplicações específicas à vida real, todas essas coisas exigem um trabalho demorado. Preparar um sermão como esse exige horas de dedicação, e conseguir elaborá-lo e apresentá-lo de forma hábil exige anos de prática.

Contudo, embora a diferença entre um mau sermão e um bom sermão seja sobretudo responsabilidade do pregador, a diferença entre uma boa pregação e uma pregação *excelente* depende principalmente da ação do Espírito Santo no coração do ouvinte bem como no do pregador. A mensagem em Filipos veio de Paulo, mas o efeito do sermão sobre os corações veio do Espírito.

Isso significa que Deus pode usar tanto uma mensagem elaborada com indiferença quanto uma excelente pregação, o que explica a resposta dada por um velho ministro cristão quando lhe pediram para fazer uma comparação entre dois pregadores do século 18: Daniel Rowland e George Whitefield. Ele disse que o sermão de ambos sempre era de grande impacto, mas que os sermões de Rowland eram sempre muito bons, o que já não acontecia sempre com os de Whitefield.¹ Não importando como o sermão era preparado, havia a sensação de que a presença e o poder de Deus sempre acompanhavam a pregação de Whitefield.

Talvez você esteja ansioso para aprender “o segredo da pregação excelente” como um conjunto de instruções que estabelecem uma prática disciplinada. Desse modo, você poderia quase sempre pregar maravilhosamente bem, bastando para isso seguir essas orientações ao pé da letra. No entanto, não posso lhe dar essa fórmula — ninguém pode —, porque esse segredo repousa nas profundezas dos sábios planos divinos e do poder do Espírito de Deus. Estou falando daquilo a que muitos se referiram como “unção”. Discutirei o papel do pregador nessa dinâmica no capítulo final

deste livro, mas não há manuais que garantam isso. Haverá quem aponte com justiça para a vida de oração do ministro, indagando: “Não é esse o segredo da pregação excelente?”. A resposta é *sim e não*. Embora uma vida de oração profunda e rica seja um requisito para uma pregação excelente e mesmo para uma boa pregação, ela não é por si só a garantia de que tal excelência será alcançada. É preciso que façamos toda a nossa parte para que a comunicação da verdade de Deus seja *boa* e então deixemos a cargo de Deus como e com que frequência ele a tornará impactante para o ouvinte. “... procura coisas magníficas para ti mesmo? Não as busques...” (Jr 45.5).

O PREGADOR “ABSOLUTAMENTE PERFEITO”

Essa distinção poderá levá-lo a supor que os comunicadores cristãos nada precisam fazer a não ser explicar o texto bíblico e que “cabe a Deus fazer o resto”. Esse é um equívoco e um reducionismo perigoso da tarefa da pregação.

Teodoro de Beza foi o companheiro mais jovem e sucessor de João Calvino, o fundador do segmento reformado do protestantismo durante a Reforma. Em sua biografia de Calvino, Beza recorda quais eram os três grandes pregadores de Genebra naqueles anos — o próprio Calvino, Guilherme Farel e Pedro Viret. Farel, disse Beza, era o mais inflamado, o mais apaixonado e contundente em seus sermões. Viret era o mais eloquente, e o público ouvia atentamente suas palavras vibrantes e belas. O tempo voava quando ele pregava. Calvino era o mais profundo; seus sermões eram recheados com as “perspectivas mais profundas”. Ele tinha mais substância, Viret mais eloquência e Farel mais veemência. Beza concluiu que “um pregador que fosse uma combinação desses três homens teria sido absolutamente perfeito”.² Ele reconhece aqui que seu grande mentor, João Calvino, não era o pregador perfeito. Ele dominava um grande conteúdo, mas não era tão habilidoso quanto os outros em prender a atenção do público, persuadi-lo

e tocar seu coração. Viret e Farel tinham maior capacidade de envolvimento e comoção do público.

No primeiro manual de pregação cristã, Agostinho escreveu que fazia parte dos deveres dos pregadores não apenas *probare* (instruir e provar), mas também *delectare* (prender a atenção e encantar) e *flectere* (comover as pessoas e levá-las à ação).³ Embora Agostinho condenasse as filosofias pagãs por sua falência, ele acreditava que os pregadores cristãos pudessem aprender com suas obras sobre retórica. O termo grego para *retórica* apareceu primeiramente no *Górgia*, diálogo de Platão, com o significado de “trabalho de persuasão”.⁴ George Kennedy, especialista nos clássicos, diz que, em certo sentido, a retórica “é um fenômeno de todas as culturas humanas”, porque a maior parte dos atos de comunicação tem como objetivo não apenas transmitir informações, mas também influenciar as crenças, as ações ou as emoções dos que as recebem.⁵ Todo o mundo, de certa forma, recorre à retórica em algum grau, mesmo que isso signifique alterar o volume, o grau ou o ritmo da ênfase. Todos devem escolher o vocabulário e as metáforas que iluminam e compelem, além de encontrar outras formas, verbais e não verbais, de atrair, manter a atenção e enfatizar certos pontos em detrimento de outros.

João Calvino também pensava assim. Ao comentar 1 Coríntios 1.17, em que Paulo evita usar “sabedoria e eloquência” (NIV), Calvino indaga “se ele quer dizer [...] que a pregação do evangelho se corrompe caso a mais ínfima partícula de eloquência e retórica seja usada para adorná-la”. “O que Paulo diz aqui, portanto”, responde Calvino, “não deve ser entendido como se as artes [retóricas] deveriam ser objeto de desdém, como se não favorecessem a piedade”.⁶ Paulo adverte que não deve haver abuso. A retórica pode se tornar um fim em si mesma, e assim suas formas interessantes e agradáveis obscurecem a simplicidade da mensagem bíblica com “um apego tolo por um estilo altamente impactante”.⁷ Histórias longas, linguagem florida e gestos

dramáticos podem captar a atenção enquanto a mensagem de fato do texto é ignorada.

Calvino diz ainda que não devemos desprezar nem as expressões simples da verdade, nem a oratória habilidosa, contanto que estejam a serviço do texto. “A eloquência não destoa de forma alguma da simplicidade do evangelho, quando não recorre ao desdém para transmiti-lo, quando se submete a ele, e também o serve, como a criada à sua patroa.”⁸ A pregação não deve ser uma performance humana que meramente entretém, tampouco deve ser uma seca recitação de princípios. A eloquência espiritual deve decorrer do amor quase desesperado do pregador pela verdade do evangelho e pelas pessoas para quem a aceitação da verdade é uma questão de vida ou morte.

No fim das contas, a pregação tem dois objetos básicos em vista: a Palavra e o ouvinte humano. Não basta ceifar o trigo; ele deve ser preparado de forma que seja comestível, caso contrário não alimentará nem dará prazer. A pregação sadia brota de dois amores — amor à Palavra de Deus e amor às pessoas —, e de ambos brota o desejo de mostrar às pessoas a graça gloriosa de Deus. Portanto, embora somente Deus possa abrir os corações, o comunicador deve proporcionar bons momentos e matéria para reflexão ao apresentar a verdade de forma precisa, explicitando-a para o coração e para a vida dos ouvintes.

PREGANDO CRISTO

Talvez não haja passagem mais importante na Bíblia sobre pregação do que 1Coríntios 1.18—2.5.⁹

Irmãos, quando fui até vós, anunciando-vos o mistério de Deus, não fui com linguagem pomposa nem de sabedoria. Pois resolvi nada saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. Estive convosco em fraqueza, em temor e em grande tremor. Minha linguagem e pregação não consistiram em palavras persuasivas

de sabedoria, mas em demonstração do poder do Espírito, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, mas no poder de Deus (1Co 2.1-5).

Paulo diz: “... quando fui até vós, anunciando-vos o mistério de Deus [...] resolvi nada saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1Co 2.1,2). Na época em que Paulo escreveu isso, a única Escritura disponível para pregação é a que chamamos hoje de Antigo Testamento. Contudo, mesmo quando pregava tomando por base esses textos, Paulo “nada sab[ia]” senão Jesus que não aparecia com esse nome em nenhum daqueles textos. Como isso era possível? Para Paulo, toda a Escritura, em última análise, apontava para Jesus e sua salvação; todos os profetas, sacerdotes e reis lançavam luz sobre o Profeta, Sacerdote e Rei por excelência. Apresentar a Bíblia “em sua plenitude” era pregar Cristo como tema e substância principais da mensagem da Bíblia.

A retórica clássica possibilitava ao orador a *inventio* — a escolha de um tópico e a divisão deste em suas partes constituintes, juntamente com argumentos esmerados e recursos que davam sustentação à tese do orador. Para Paulo, porém, existe apenas um tópico: Jesus. Para onde quer que nos voltemos na Bíblia, Jesus é o assunto principal. Até mesmo a divisão do nosso tópico não fica totalmente por nossa conta — cabe-nos expor os tópicos e pontos sobre Jesus que o texto bíblico nos dá. Devemos “nos restringir” a Jesus. No entanto, posso falar com base em quarenta anos de experiência como pregador que a história desse indivíduo único não precisa jamais se tornar repetitiva. Ela contém a história toda do universo, e da humanidade também, e é a única resolução da trama da vida de cada um de nós.¹⁰

Portanto, não houve texto que Paulo pregasse que não fosse sobre Jesus, não meramente como um exemplo a seguir, mas como um salvador: “... Cristo Jesus, o qual [...] se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção...” (1Co 1.30).

Para Paulo, Cristo é a chave que permite entender cada texto bíblico (primeiro aspecto da boa pregação) e é também a chave que, de forma persuasiva, possibilita a clara exposição da Palavra ao coração e à vida do ouvinte (segundo aspecto). Diz ele: “... quando fui até vós, anunciando-vos o mistério de Deus, não fui com linguagem pomposa nem de sabedoria” (1Co 2.1). À primeira vista, isso parece contrariar o uso de qualquer técnica na pregação, mas o restante do Novo Testamento (conforme Calvino aponta) torna impossível afirmar que Paulo jamais tenha usado de lógica, argumentação, retórica ou de conhecimento quando pregava. No livro de Atos, conforme veremos, Paulo habilmente usa diferentes argumentos para diferentes públicos e, em 2Coríntios 5.11 (NVI), ele procura “persuadir” os ouvintes; portanto, não é possível que ele não tenha estratégia alguma para mudar a mente das pessoas.¹¹ Anthony Thiselton, estudioso do Novo Testamento, recorre a estudos recentes da retórica clássica para nos ajudar a compreender o que Paulo quer dizer em 1Coríntios por “linguagem pomposa” e “de sabedoria”. Paulo está rejeitando o assédio verbal (que usa a força da própria personalidade, a sagacidade ou o desdém mordaz), as declarações recebidas com aplausos e que encontram eco nos preconceitos, no orgulho e nos temores da multidão; está rejeitando histórias manipuladoras ou técnicas que subjugam o público com espetáculos de destreza verbal, sagacidade ou erudição.¹²

Contra todos esses abusos retóricos, Paulo apresenta a mensagem de “Cristo, e este, crucificado” (1Co 2.2), mas vale a pena atentar para o significado desse contraste. Paulo quer, na verdade, reformular os fundamentos do coração dos ouvintes. Ele quer mudar aquilo que eles mais amam, esperam e em que depositam sua fé. No entanto, ele insiste que essa mudança *não* deve acontecer por meio da inventividade humana, mas *somente* através da “demonstração do poder do Espírito” (1Co 2.4) — afirmação que pode ser traduzida por “na prova transparente esclarecida com

poder pelo Espírito Santo”.¹³ O que isso significa? Thiselton prossegue na análise do texto e diz: “... conforme se vê claramente em 1Coríntios 2.16—3.4, o ‘*Espírito*’ é definido cristologicamente”. Nessa passagem, Paulo se refere à “discrição do Espírito que aponta para além de si mesmo em direção à obra de Deus em Cristo”.¹⁴ Paulo está se comparando ao Espírito Santo, cuja obra consiste, tal como um holofote, não em apontar para si mesmo, mas em nos mostrar a glória e a beleza de Cristo (cf. Jo 16.12-15).

Portanto, esse é o poder do pregador cristão. É assim que se transmite não apenas uma palestra informativa, mas um sermão que transforma vidas. Não se trata meramente de falar de Cristo, mas de *mostrá-lo*, de “demonstrar” sua grandeza e revelá-lo como alguém que é digno de louvor e de adoração. Se o fizermos, o Espírito nos ajudará, porque essa é sua grande missão no mundo.

PREGANDO AO CORAÇÃO CULTURAL

Não esgotamos a rica teologia da pregação dessa passagem. Quando Paulo fala da pregação que transforma vidas, ele não está se limitando ao mundo interior dos ouvintes. Ele está observando também a cultura em que vivem.

Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo por sua própria sabedoria não o conheceu, foi do agrado de Deus salvar os que creem por meio do absurdo da pregação. Pois, enquanto os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos Cristo crucificado, que é motivo de escândalo para os judeus e absurdo para os gentios. Mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus (1Co 1.21-24).

O teólogo Don Carson chama essa descrição de “idolatrias fundamentais do período [de Paulo]”.¹⁵ Aqui, o apóstolo resume

habilmente as diferenças entre as narrativas culturais gregas e as judaicas. Toda sociedade tem uma visão de mundo, “história do mundo” ou “narrativa cultural” que dá forma às identidades e aos pressupostos daqueles que vivem nessa sociedade. De modo geral, os gregos valorizavam a filosofia, as artes, as realizações intelectuais, ao passo que os judeus valorizavam o poder e as habilidades práticas em detrimento do pensamento discursivo. Paulo desafia ambas as narrativas culturais com a cruz de Jesus. Para os gregos, uma salvação que não viesse através de uma filosofia e de um pensamento elevados, mas por meio de um Salvador crucificado, era o oposto da sabedoria — era tolice. Para os judeus, uma salvação que não viesse através do poder, de um libertador que derrubasse os romanos, mas por meio de um Salvador crucificado, era o oposto da força — era fraqueza. Paulo usa o evangelho para confrontar ambas as culturas com a natureza idólatra de suas lealdades e valores.

Contudo, depois de desafiar essas duas culturas, ele também discerne e confirma a maior aspiração de cada uma delas. Vocês querem sabedoria, diz Paulo a seus ouvintes gregos, então olhem para a cruz. Ela não permitiu a Deus que fosse a um só tempo justo e justificador daqueles que creem? Essa não é a sabedoria suprema? Vocês querem poder, diz Paulo a seus ouvintes judeus, então olhem para a cruz. Ela não permitiu que Deus derrotasse nossos inimigos mais poderosos — o pecado, a culpa e a própria morte — sem nos destruir? Essa não é a força suprema?

Portanto, Paulo explica cada narrativa cultural e, em seguida, confronta cada uma de suas idolatrias — a arrogância intelectual dos gregos e a justiça das obras dos judeus —, mostrando-lhes que o caminho no qual eles vêm buscando seus mais importantes e característicos bens é pecaminoso e traz consigo sua própria derrota. No entanto, esse não é um mero exercício intelectual ou uma estratégia retórica inteligente — é um ato de amor e de cuidado. Somos seres socioculturais e nossas motivações

mais centrais são profundamente marcadas pelas comunidades humanas nas quais estamos inseridos. No decurso da exposição do texto bíblico, cabe ao pregador comparar e contrastar a mensagem da Escritura com as crenças fundamentais da cultura, que são, em geral, invisíveis às pessoas imersas nela; e assim, ele poderá ajudá-las a compreenderem a si mesmas mais plenamente. Se feita corretamente, a exposição pode levar as pessoas a dizer: “Ah, é por isso então que tendo a pensar e a sentir dessa forma”. Esse pode ser um dos passos mais libertadores e catárticos da jornada de fé de uma pessoa até Cristo.

Para alcançar as pessoas, os pregadores do evangelho devem desafiar a narrativa da cultura em pontos de confrontação e, por fim, recontar essa narrativa, por assim dizer, revelando como suas aspirações mais profundas pelo bem só podem ser realizadas em Cristo. Assim como Paulo, cabe-nos convidar as pessoas e atraí-las por meio das aspirações de sua cultura, chamando-as para que venham a Cristo, a verdadeira sabedoria e a verdadeira justiça, o verdadeiro poder e a verdadeira beleza.

AS TAREFAS DA PREGAÇÃO

Em que consiste, portanto, a boa pregação? Vamos juntar todas essas ideias em uma única descrição.

É “anunciar [...] o mistério de Deus” (1Co 2.1). É pregar biblicamente e estabelecer uma conexão por meio do texto cheio de autoridade. Em outras palavras, devemos pregar a Palavra e não nossa opinião. Quando pregamos as Escrituras, falamos “as palavras de Deus” (1Pe 4.11). É preciso deixar claro o sentido do texto no seu contexto — tanto em seu tempo histórico como no âmbito de toda a Escritura. Servir à Palavra é fazer sua *exposição*, isto é, extrair a mensagem do texto com fidelidade e discernimento, tendo em vista todo o restante do ensino bíblico, para que não “se explique um ponto da Escritura de tal modo que seja irreconciliável com outro”.¹⁶

É também anunciar “*tanto [a] judeus como [a] gregos*” (1Co 1.24), pregando de forma persuasiva, envolvendo a cultura e tocando os corações. Isso significa não apenas informar a mente, mas também capturar o interesse e a imaginação do ouvinte persuadindo-o ao arrependimento e à ação. O bom sermão não é como um porrete com que se bate na vontade, e sim como uma espada que penetra o coração (At 2.37). Em seu melhor, ele penetra nossos alicerces, analisando-nos e revelando-nos a nós mesmos (Hb 4.12). Ele deve ser alicerçado na exposição da Bíblia, porque as pessoas não compreendem um texto até que vejam como ele se relaciona à sua vida. Ajudar as pessoas a enxergar isso é a tarefa da *aplicação*, que é algo muito mais complicado do que geralmente admitimos. Conforme dissemos, pregar ao coração e à cultura caminham juntos, porque as narrativas culturais afetam profundamente o sentimento de identidade, a consciência e a compreensão da realidade de cada pessoa. A interação cultural na pregação jamais deve ter como objetivo ser “relevante”; antes, deve ter como propósito pôr a nu os fundamentos da vida do ouvinte.

Alec Motyer, pregador expositivo da Bíblia, resume isso afirmando que temos duas responsabilidades ao pregar, e não apenas uma: “Em primeiro lugar com a verdade; em segundo lugar, com um grupo específico de pessoas. De que maneira poderão ouvir melhor a verdade? Que forma devemos dar a ela e como expressá-la com palavras, para que seja compreendida pela audiência de maneira palatável, seja ouvida com grande receptividade e [...] evite ofensas desnecessárias?”.¹⁷

São essas as duas tarefas da pregação, e há uma chave para ambas — pregar Cristo. Essa não é uma tarefa distinta a ser acrescentada às outras duas; antes, é a essência de como cada uma deve ser executada. Lembre-se de que a precisão bíblica e a cristocentricidade são a mesma coisa para Paulo. Não se pode pregar adequadamente um texto — situando-o em seu lugar correto na Bíblia — a menos que se demonstre de que maneira seus temas se

cumprem na pessoa de Cristo. De igual modo, não se pode alcançar e reestruturar as afeições do coração a menos que se aponte, por meio dos princípios bíblicos, para a beleza de Jesus, mostrando claramente de que modo a verdade específica do texto em questão pode ser praticada unicamente pela fé na obra de Cristo.

Certa vez Kathy chamou minha atenção para o fato de que as partes iniciais do meu discurso dariam uma boa aula de escola dominical, contudo, no momento em que eu “chegava a Cristo”, a aula se transformava em sermão. Você talvez queira que seus ouvintes tomem nota de boa parte do que é dito em seu sermão, mas, quando chega a Cristo, você quer que eles *experimentem* as notas que vinham tomando até então.

Charles Spurgeon, o célebre pregador britânico do século 19, era ousado em sua insistência de que todo sermão deveria pôr Cristo em destaque, para que todos os ouvintes o contemplassem. Ele se queixava de que frequentemente ouvia sermões “muito eruditos [...] magníficos e sofisticados”; no entanto, tudo girava em torno da verdade moral e da prática ética, bem como em torno de conceitos inspiradores, e não havia “nenhuma palavra sobre Cristo”. Eis o que ele disse sobre esse tipo de pregação, evocando as palavras de Maria Madalena: “Levaram embora o meu Senhor e não sei onde o puseram. Não ouvi nada de Cristo!”.¹⁸ Ele está certo. A menos que preguemos Jesus, e não um conjunto de “morais da história”, princípios atemporais ou bons conselhos, as pessoas jamais compreenderão ou amarão a Palavra de Deus, obedecendo-lhe de verdade. O que Spurgeon pede é mais difícil do que parece e mais raro do que você possa imaginar.

Portanto, há duas coisas que devemos fazer. À medida que pregamos, devemos servir e amar a verdade da Palavra de Deus, e também servir e amar as pessoas diante de nós. Servimos a Palavra ao pregar o texto claramente e pregando o evangelho o tempo todo. Alcançamos as pessoas pregando para a cultura e para o coração.

Em seguida, vem a parte que Deus deve fazer. Ele ilumina a Palavra para nossos ouvintes pela “demonstração do poder do Espírito” (1Co 2.4). De acordo com Paulo, podemos pregar com genuíno poder espiritual somente se oferecermos Cristo como uma realidade viva a ser encontrada e acolhida por aqueles que ouvem. Isso significa pregar com reverência e assombro diante da grandeza do que temos em Cristo. Significa transmitir uma transparência não forçada, dando provas de um coração que está sendo recomposto precisamente pela verdade que você está apresentando. É algo que traz consigo uma espécie de equilíbrio e de autoridade, em vez de um desejo inseguro de agradar ou de ter um bom desempenho. Portanto, seu amor, alegria, paz e sabedoria devem ser evidentes quando você fala. Você deve ser semelhante a um vidro transparente através do qual as pessoas possam ver uma alma transformada pelo evangelho, de maneira tal que queiram isso também e assim tenham igualmente a sensação da presença de Deus.

Como todas essas coisas acontecem? Quando pregamos Cristo. Pregando fielmente o texto e sempre o evangelho, estabelecendo uma conexão com a cultura e alcançando o coração, cooperando com a missão do Espírito no mundo — assim pregamos Cristo em toda a Escritura.

NOTAS

¹D. M. Lloyd-Jones, *Preaching and preachers*, edição de 40 anos (Grand Rapids: Zondervan, 2011), p. 67-8 [edição em português: *Pregação e pregadores*, tradução de João Bentes Marques, 2. ed, 3. reimp. (São José dos Campos: Fiel, 2011)]. O testemunho veio de David Jones de Llangan (1736-1810). Como tinha ouvido Rowland e Whitefield pessoalmente pregarem, pediram que fizesse uma comparação entre os dois. Sua resposta foi: “Com relação [...] ao ato da pregação, no tocante ao enlevo às alturas e ao transporte da congregação aos céus, detectei muito pouca diferença entre eles; um era tão bom quanto o outro. A grande diferença entre os dois”, prosseguiu, “era a seguinte: de Rowland podia-se sempre ter a certeza de que se ouviria um bom sermão, mas nem sempre o mesmo acontecia em relação a Whitefield” (p.67-8).

²Citado em Scott Manetsch, *Calvin's company of pastors* (New York: Oxford University Press, 2013), p. 156.

³O manual está em Augustine, *On Christian doctrine*, livro IV [edição em português: Agostinho, *A doutrina cristã* (São Paulo: Paulus, 2002), vol. 17] e encontra-se na íntegra, com proveitosas anotações e análise, em Patricia Bizzel; Bruce Herzberg, orgs., *The rhetorical tradition: readings from classical times to the present* (New York: St. Martin's Press, 1990), p. 386-422. Os livros I até III apresentam, basicamente, uma “hermenêutica”, como entender a Bíblia. O livro IV explica então como comunicar o que foi aprendido na Bíblia.

⁴George A. Kennedy, *Classical rhetoric and its Christian and secular tradition from ancient to modern times*, 2. ed. (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999), p. 1.

⁵Ibidem, p. 2.

⁶John Calvin, *1 Corinthians*, in: *Calvin's Commentaries*, edição eletrônica (Albany: Ages Software, 1998).

⁷Ibidem.

⁸Ibidem.

⁹Veja Anthony C. Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the Greek text*, The New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 2000); Roy E. Ciampa; Brian S. Rosner, *The First Letter to the Corinthians*, Pillar New Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 2010); Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1987). Veja tb. D. A. Carson, “The cross and preaching”, in: *The cross and Christian ministry: leadership lessons from 1 Corinthians* (Grand Rapids: Baker, 1993), p. 11-41.

^{10a}Sim. Em nosso mundo também um Estábulo certa vez conteve algo em seu interior que era maior do que o mundo inteiro”. C. S. Lewis, *The last battle* (London: Geoffrey Bles, 1956), p.143 [edição em português: *A última batalha* (São Paulo: Martins Fontes, 2003).

¹¹Veja Paul Barnett, *The Second Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p. 277-83. Veja esp. a nota 8 da p. 280. Para Barnett, a declaração de Paulo de que “procuramos persuadir os homens” (2Co 5.11, NVI) é uma descrição do seu ministério evangelístico.

¹²Veja Thiselton, p. 216-23.

¹³Ibidem, p. 218.

¹⁴Ibidem, p. 222.

¹⁵Carson, *Cross and Christian ministry*, p. 20.

¹⁶Artigo XX, “Da autoridade da igreja”, in: *Trinta e Nove Artigos da Religião da Igreja Anglicana*.

¹⁷Alec Motyer, *Preaching? simple teaching on simply preaching* (Ross-shire: Christian Focus, 2013), p. 65.

¹⁸Charles Spurgeon, “Christ precious to believers” (sermon n. 242, March 13, 1859), in: *The New Park Street Pulpit*, reimpr. (Pasadena: Pilgrim, 1975), vol. 5, p. 140.

INTRODUÇÃO

OS TRÊS NÍVEIS DO MINISTÉRIO DA PALAVRA

O teólogo australiano Peter Adam defende que aquilo a que chamamos de pregação, o discurso público formal que dirigimos à igreja reunida no domingo, é apenas uma forma do que a Bíblia descreve como “ministério da Palavra” (At 6.2,4).¹

No dia de Pentecostes, Pedro citou as palavras do profeta Joel quando disse que Deus derramaria seu Espírito sobre todo o seu povo e, em consequência disso, “vossos filhos e as vossas filhas profetizarão” (At 2.17). Gerhard Friedrich, no *Theological dictionary of the New Testament*,² diz que há pelo menos 33 termos gregos no Novo Testamento normalmente traduzidos por “pregação/pregar” ou “anúncio/anunciar”. Adam observa que esses termos descrevem atividades que nem sempre poderiam ser caracterizadas

como discurso público.³ Em Atos 8.4, por exemplo, lemos que todos os cristãos, exceto os apóstolos, foram de um lugar a outro “anunciando a palavra”. Isso não pode querer dizer que todo crente estava se levantando e pregando sermões publicamente. Priscila e Áquila, por exemplo, explicaram a Palavra de Cristo a Apolo na casa deles (At 18.26).

Podemos distinguir pelo menos três níveis de “ministério da Palavra” na Bíblia. Paulo conclama todos os crentes para que a “palavra de Cristo habite ricamente em vós” e para que “em toda a sabedoria; ensinais e aconselhais uns aos outros” (Cl 3.16). Todo cristão deve ser capaz de ministrar tanto o ensino (*didaskalia*, a palavra comumente usada para instrução) quanto a admoestação (*noutheo*, uma palavra comumente usada para conselho veemente, que muda a vida), por meio dos quais são transmitidos a outros os ensinamentos da Bíblia. Isso deve ser feito com cautela, ainda que de modo informal, em conversas geralmente individuais. Essa é a forma mais fundamental de ministério da Palavra. Vamos chamá-la de nível 1.

Na extremidade mais formal do espectro estão os sermões: a pregação pública e a exposição da Bíblia perante um grupo de pessoas reunidas, que chamaremos de nível 3. O livro de Atos nos dá muitos exemplos extraídos, principalmente, do ministério de Pedro e de Paulo, embora inclua também um discurso de Estevão que, provavelmente, sintetiza seu ensino inovador. Em Atos são apresentados tantos desses discursos públicos que poderíamos quase dizer, do ponto de vista de Lucas (o autor), que o desenvolvimento da igreja cristã primitiva e o desenvolvimento de sua pregação foram uma coisa só.

Há, entretanto, um “nível 2” de ministério da Palavra, que pode ser situado entre as conversas informais de todo cristão e os sermões formais. Em uma passagem negligenciada, Pedro descreve o dom espiritual da “fala”: